

A PAIDEIA SIMBÓLICA COMO REFLEXÃO: O PENSAMENTO AUTÔNOMO NA DIVERSIDADE DENTRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE ENSINO

Rodrigo Lima Teixeira¹

RESUMO

O este artigo está baseado numa ideia que visa a Educação Filosófica nas escolas de Ensino Básico como forma de transformação do seu contexto social pelo qual os alunos estão inseridos e mostrar através da Filosofia uma forma de enxergar o seu universo e seu pensar de forma autônoma e diversa dentro da perspectiva educacional para formação do cidadão como todo. Assim, partindo desta reflexão e de como estar a educação atual, o objetivo deste artigo é tratar a Educação Filosófica com os moldes da *paideia* grega de forma simbólica para que o Ensino de Filosofia não seja só conteudista, mas sim reflexiva porquanto a Filosofia seja mais do que uma simples matéria, porém ela seja formadora ética e moral para construção de um cidadão e formar pensadores críticos e autônomos desde que todos tenham acesso a esta formação crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Paideia. Reflexão. Educação. Filosofia.

THE SYMBOLIC PAIDEIA AS REFLECTION: AUTONOMOUS THINKING IN DIVERSITY WITHIN BASIC EDUCATION OF TEACHING

ABSTRACT

This article is based on an idea that aims at Philosophical Education in Basic Education as a way of transforming its social context through which students are inserted and show through Philosophy a way of seeing their universe and their thinking autonomously and Diverse perspective within the educational perspective for citizen training as a whole. Thus, starting from this reflection and how to be the present education, the objective of this article is to treat the Philosophical Education with the molds of the Greek *paideia* in a symbolic way so that the Teaching of Philosophy is not only content, but reflective because Philosophy is more Than a

¹ Professor de Filosofia das unidades IDAAM em Manaus-AM e Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Email: rodrigoteixeira.jc@gmail.com

simple matter, but it is an ethical and moral form for building a citizen and forming critical and autonomous thinkers as long as everyone has access to this critical formation.

KEYWORDS: Paideia. Reflection. Education. Philosophy.

INTRODUÇÃO

Atualmente, é impossível falar de educação sem se falar em Filosofia. A filosofia é vivenciada no dia a dia, até de forma inconsciente, visando orientar o indivíduo tanto na aquisição da visão concreta da vida, dos seus valores e significados, quanto aspecto da conduta humana em geral.

A presente reflexão acerca da Educação Filosófica como Paideia se deu primeiramente lendo o livro de Werner Jaeger sobre a Paideia como formação do homem grego. É percebido que *paideia* grega ainda tem muito a nos ensinar acerca de como deve ser tratado a educação atual.

Outra questão que influenciou muito para a formação da ideia foi observando com a experiência de professor de Filosofia no Ensino Básico a forma como é tratada a Filosofia e como é ensinada não só nas redes privadas, mas nas escolas da rede pública. Neste sentido, a Educação Filosófica para o Ensino Básico como *paideia* simbólica é uma reflexão e também uma crítica sobre a forma de educar atual.

Por isso que a *paideia* é uma ideia simbólica com o intuito de fazer da Educação Filosófica mais do que uma simples teorização dos conceitos filosóficos dos clássicos e dos contemporâneos, mas formar cidadãos com pensamentos autônomos construindo valores que sejam inclusivos e tolerantes para uma sociedade mais justa. Em tempos do imediatismo e do consumismo, refletir sobre esta forma de educação tornou-se uma preocupação pelo fato das escolas não formarem cidadãos reflexivos quanto à diversidade.

Assim, o objetivo desta pesquisa consiste em refletir a Educação Filosófica atual no Ensino Básico e as formas de ensinar a Filosofia para se construir um cidadão autônomo e reflexivo tendo em vista a diversidade numa perspectiva social a partir do exemplo da *paideia* de forma simbólica indo na contramão de como é conduzido a educação atual.

Na atual conjectura, sabe-se que a filosofia tende a se apresentar como um tipo de modalidade que tem o poder de mudar a concepção de acordo com o tempo e sua vigência

como sendo requisito indispensável para articulação de teorias e, também, de estratégias culturais, pedagógicas e artísticas.

Desta forma, a Filosofia como forma teórica e prática, tem sua finalidade construída neste artigo nos seus pilares principais, a crítica e a reflexão. Com isso, refletindo sobre a Educação atual, as formas do ensino de Filosofia como matéria da Educação Básica, e a construção do pensamento filosófico do pensar por si, é necessário os estudos e a pesquisa desta reflexão para que os alunos não só tenham pensamentos críticos, mas que se tornem cidadãos autônomos.

A partir de uma reflexão no campo da Educação e através dos processos de construção histórica do pensamento filosófico dentro das escolas brasileiras, pode ser compreendido que a Educação Filosófica não é uma preferência nos ensinamentos fundamentais e médios. Este tipo de estudo é de suma importância para a área da Educação e da Filosofia que nos remete a pensar como anda o ensino de Filosofia nas escolas, como as escolas encaram a Filosofia, como os alunos entendem a Filosofia e se a Filosofia está a alcance de todos os alunos.

1 O ENSINO FILOSÓFICO E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO BÁSICO

Dentro da perspectiva da Filosofia na área da Educação, ela apresenta vários pontos importantes dentro do contexto social que podem influenciar na formação do ser. Sempre quando se questiona algo, ou julga, ou reflete sobre uma determinada ideia, a Filosofia está presente no cotidiano. Assim, pode-se dizer que a Filosofia tem sua importância dentro da Educação, pois ela passa por vários aspectos do cotidiano e ensina ao aluno a refletir e ter posicionalmente crítico e autônomo. Desta forma, dentro do sistema filosófico podem ser encontradas várias linhas de pensamentos importantes para que os alunos desenvolvam, entre elas são: Metafísica, lógica, Estética e a Política.

A filosofia possui muitas ferramentas para o autoconhecimento, porém ela não só proporciona isso, ela abrange sua linha para o convívio social e ético com o outro do qual é denominada como *ethos*. Segundo Tiburi (2014), este *ethos* é o que nos faz ter limites e respeitar o próximo, nos dar a formação consciente e harmoniosa para que o ser possa querer seguir as regras sociais estabelecidas em cada sociedade. Esta área da Filosofia é tratada pela ética que abrange também conhecimentos políticos.

Não só na base da perspectiva metafísica encontra-se a importância para a Filosofia na Educação. Segundo Copi (1978), dentro dos aspectos lógicos pode ser encontrada a instrumentalização da linguagem, buscar argumentos, relacionar as ideias e construir pensamentos argumentativos para a formulação de argumentos lógicos e exercitar a racionalidade.

Para Reale (2002), a estética também pertence aos conceitos interpretativos da Filosofia que vê a ênfase no belo, no feio, no gosto diverso dentro do parâmetro filosófico. A política também é um ramo de estudo da Filosofia, sendo que para os gregos, os filósofos eram exatamente aqueles que estavam preocupados com os problemas e o bem estar da *polis*. A Teoria do Conhecimento, ética, política, lógica e estética, houve outras áreas de interesses e estudos dentro da Filosofia, que caminharam dentro de seu contexto que se chamaram correntes filosóficas. Estas possuem sua importância dentro do estudo filosófico, pois ajudam a compreender o contexto histórico de cada momento vivido pela humanidade.

Para ir à busca do pensar filosófico, Sócrates mostra qual o caminho que se deve percorrer: o da busca. Segundo Reale (2002), na busca de si mesmo, o homem se revela como ele realmente é. Nesta busca o homem encontra sua essência que é a de perguntador e investigador. Esse processo questionador que a Filosofia faz cada um ter é a busca do porquê de cada coisa ser o que é. Nisto, Platão (2006) questiona que todas as coisas das quais estamos vendo através de nossas percepções são sombras da realidade que existe no mundo intangível.

De acordo com Aristóteles (1973), o que nos diferencia dos outros animais é a ideia intelectual da alma. O processo do pensar que nos leva a ter uma autonomia para ressignificação das coisas que se observa e descobre. Mas estas coisas só são observáveis após ter o contato com objeto sensível constatando a realidade.

No sentido pedagógico acerca do Ensino de Filosofia, deve-se enfatizar alguns procedimentos gerais do pensamento, compreendidos como princípios metodológicos essenciais para atividade intelectual, no que se refere ao desenvolvimento da capacidade de análise, de leitura, de abstração com técnicas de raciocínio e argumentação, levando os alunos ao questionamento e à problematização, e o buscar como os filósofos fizeram antes.

De acordo com Aranha (2002), a Filosofia no Ensino Fundamental deve ser tratada como disciplina obrigatória de grande importância para a contribuição do pleno desenvolvimento intelectual dos alunos. Ela é vista como um componente curricular. Na lei de Diretrizes e Bases nº 9.934/96; datada do dia 20 de dezembro de 1996, fica evidente a

motivação do jovem adolescente para pensar, tendo por base a leitura de textos de qualidade e que esteja adequado à sua realidade, ao final do Ensino Médio, o aluno deve dominar tanto os conteúdos de Filosofia como os de Sociologia de acordo com o artigo 36, inciso III, § 1º, para formação do cidadão.

Sendo assim, esta capacidade da Filosofia de se apresentar autônoma mostra, dentro dos aspectos da importância que a Filosofia tem no Ensino Básico, a formação crítica e esclarecedora. Mas como chegar até os alunos através da Filosofia? Segundo Chauí (2005), toda a experiência filosófica deveria ser concreta. Toda a forma de ensino deve antes fazer parte da experiência para que o aluno entenda aquilo que pelo qual a teoria está querendo dizer.

De acordo com Chauí (2005, p. 18), tudo aquilo que aprendemos dentro do senso comum nunca questionamos e “como se pode notar, nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais óbvias”. Mas é certo que dentro da Filosofia nada é óbvio e nada é fechado, porém tudo é aberto e subjetivo por qual se entrelaçam dentro da existência cotidiana. Aqui está a grande importância da Filosofia não só como formadora, mas como esclarecedora tornando o aluno mais reflexivo e autônomo.

Com isso, a Filosofia por se mostrar importante no aspecto educacional vai além de construir e desconstruir aquilo que faz parte do senso comum, mas ajuda a refletir sobre aquilo que aparentemente não se observava como sendo o objeto de reflexão. Segundo Marcondes (2002), muito além de construir conceitos, ser filósofo é ter amor, sede pelo saber, e procurar respostas para as muitas perguntas lançadas no mundo, sendo que vivemos uma realidade complexa, em que a informação e a tecnologia buscam o domínio desta realidade e o profissional que não se adequar a mesma estará excluído do mercado de trabalho.

A filosofia dentro do aspecto educacional não só como disciplina, mas como conceito e postura reflexiva, tem nos dias atuais uma ideia diferenciada do que é fazer Filosofia. Com a entrada da Filosofia no período colonial até nos dias atuais, são encontradas certas ideias que vem sendo enraizadas no pensar da cultura brasileira. Em nossa atualidade é perceptível os conceitos conteudistas, pragmáticas e positivistas que estão atrelados a um modelo capitalista de alcançar os resultados e até por isso, a Filosofia nunca se estabilizou como disciplina no Brasil:

A educação hoje, se faz “imediatista” no que se refere ao pensar e ao ensinar, contribuindo para um canibalismo social, onde os próprios pais

enviam “alunos clientes” que vêm para receber a receita do consumismo e do status quo, e assim, se equivalerem a seus pais já consumidores no mundo e do mundo moderno. Constitui-se “antiga”, dando respostas velhas a perguntas novas, e se torna “exatista”, excluindo a percepção e importância das diversidades culturais, construindo “indivíduos máquinas”, prontos para assumir um lugar pré-determinado na sociedade. (KRONBAUER, 2012, p. 11).

Esta constatação se refere a uma educação que é voltada para questões imediatistas, porém, há educadores que já se posicionam e fazem análise de sua cosmovisão e que criticam esta forma de pensar e que anseiam por uma educação mais plural e transdisciplinar obtendo mais liberdade e que seja mais humana no educar.

Para que haja uma estrutura educacional voltado para a diversidade e mais plural, a Educação Filosófica não pode se deixar levar pelo imediatismo porquanto esse mesmo imediatismo acarreta numa espécie de unicidade não crítica e aumenta a exclusão social por causa da forma educacional não ser formadora ética, mas ser mercantilista e assim alcançando somente uma parte dos alunos e não o todo. Essa forma educacional nos remete a pensar que a Educação se tornou algo pelo qual a sociedade coloca o seu status, ou seja, o aluno só é “alguém” na vida se alcançar as melhores médias ou no final de seu curso conseguir ser um bom profissional. Neste sentido, a educação igualitária não alcança seu objetivo, e a Filosofia como formadora crítica não é alcançada por todos, pois a própria Filosofia se tornou refém deste imediatismo capitalista que ignora a diversidade e a educação igualitária:

Portanto, não se educa "para alguma coisa", educa-se porque a educação é um direito e, como tal, deve ser garantido de forma igualitária, equânime e justa. O objetivo da educação e das suas políticas não é formar gerações para o mercado, para o vestibular ou, tampouco, atingir os índices internacionais de alfabetização e matematização. O foco central são os sujeitos sociais, entendidos como cidadãos e sujeitos de direitos. Essa interpretação tem sido adensada do ponto de vista político e epistemológico pelos movimentos sociais ao enfatizarem que os sujeitos de direitos são também diversos em raça, etnia, credo, gênero, orientação sexual e idade, entre outros. Enfatizam, também, que essa diversidade tem sido tratada de forma desigual e discriminatória ao longo dos séculos e ainda não foi devidamente equacionada pelas políticas de Estado, pelas escolas e seus currículos. (SANTOS, 2006, p. 288).

A Educação Filosófica como ferramenta crítica tem esta importância de humanizar e entender o seu contexto social para que os alunos compreendam a sua cosmovisão e se estabeleça a autonomia entendendo que a diversidade é um bem educacional que gera pensadores e bons cidadãos longe da intolerância e do preconceito.

Esta forma de educar pela *paideia* tenta tirar esse imediatismo e humanizar a sala de aula trazendo dentro do contexto crítico e filosófico esta diversidade compreendendo que o ser humano é livre e autônomo. Mas ao mesmo tempo em que a Filosofia é para todos e com isso a inclusão social, é necessário que haja uma discursão deste processo de inclusão social para que a própria Filosofia se beneficie disso porquanto a diversidade e a inclusão social hoje em dia não são mais um problema a ser discutido, mas sim trabalhado:

Dessa forma, devido às pressões sociais, o entendimento da diversidade como construção social constituinte dos processos históricos, culturais, políticos, econômicos e educacionais e não mais vista como um "problema" começa a ter mais espaço na sociedade, nos fóruns políticos, nas teorias sociais e educacionais. [...] Os movimentos sociais, principalmente os de caráter identitário (indígenas, negros, quilombolas, feministas, LGBT, povos do campo, pessoas com deficiência, povos e comunidades tradicionais, entre outros), que, a partir dos anos de 1980, no Brasil, contribuem para a entrada do olhar afirmativo da diversidade na cena social. Eles reivindicam que a educação considere, nos seus níveis, etapas e modalidades, a relação entre desigualdades e diversidade. Indagam o caráter perverso do capitalismo de acirrar não só as desigualdades no plano econômico, mas também de tratar de forma desigual e inferiorizante os coletivos sociais considerados diversos no decorrer da história. (SANTOS, 2006, p. 289).

Desta forma, as aulas de Filosofia são importantes para que os estudantes superem suas ingenuidades, desmascarem a sua ignorância e enxerguem o mundo a partir de outro prisma, tomando consciência do que existe a nossa volta, de sua potencialidade em transformar a realidade, não apenas aceitando o que nos é imposto. Assim, a preocupação com a diversidade e a inclusão faz parte do processo transformador que a Filosofia tem para a Educação Básica como forma reflexiva porquanto os alunos possam discutir dentro de sala de aula estes processos e em seu cotidiano tornarem um cidadão mais tolerante e justo em meio à sociedade.

A sala de aula deve ser um espaço de discussões de ideias, não com o objetivo de transmitir meras convicções e sim, oportunizar que o filósofo-educador tenha condições de desenvolver as competências necessárias para concretizar o seu pensar, criando uma autonomia intelectual voltada para uma educação fundamentada na cidadania, destacando o desenvolvimento da competência discursivo-filosófica. A cidadania somente é possível com a autonomia do pensar crítico que começa no Ensino Básico.

2 A EDUCAÇÃO E A PAIDEIA PARA UM PENSAMENTO AUTÔNOMO

Para entender a educação como *paideia* deve-se estar atento ao conceito empregado nos tempos em que a *paideia* se dirigia a uma classe aristocrática dos tempos homéricos. A forma educacional era passada por gerações junto com os valores mais importantes da formação do homem como a religião e a ética. Na própria etimologia o termo tem a ver com uma evolução educacional porquanto isso se restringe a forma corporal e mental do homem.

Para Jeager (2003), quando se fala da educação grega como *paideia* o autor se refere aos conceitos do homem nobre que “na vida privada como na guerra, rege-se por normas certas de conduta, alheias aos comuns dos homens” (JAEGER, 1986, p. 20). Desta forma o homem grego educado na *paideia* não só aspirava por uma formação moral em si, mas transmitia honra para que se cumpra o que deve fazer no âmbito social:

O sentido do dever é, nos poemas homéricos, uma característica essencial da nobreza, que se orgulha por lhe ser imposta uma medida exigente. A força educadora da nobreza reside no fato de despertar o sentimento do dever em face do ideal, que deste modo o indivíduo tem sempre diante dos olhos (JAEGER, 1986, p.21).

Assim, segundo Jeager (2003), a formação pedagógica grega tinha como aspecto os pilares desta honra através do *aretê*. De acordo com Tiburi (2014), o termo *aretê* tem como ideia o proposito, o foco, a excelência no que se faz. Pode-se dizer que tanto a *Paideia* como o *Aretê* não são desassociados, na verdade se completam formando um homem que tenha uma formação intelectual, física e virtuosa. Assim, todo ensinamento que vinha dos poetas como Homero e Hesíodo, tinham o proposito de dar o ensinamento através da arte e dos mitos para a formação do homem grego. Com o passar do tempo esta forma de ensinar passou a ser vista de outra forma.

Com a criação da *polis* grega passou a existir uma nova forma de pensar a educação do homem grego. Os mitos eram vistos como fábulas que poderiam até ensinar algo, mas nunca aconteceram da forma como descrevia o mito. O conceito racional começou a fazer parte da educação e surgiu assim a Filosofia como participação essencial na *polis* como “cidadão completo, plenamente instruído” (TARNAS, 2000, p.45). Assim surge através dos filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles um modo rigoroso, ético e racional como pedagogia filosófica que moldaria toda a cultura ocidental:

Nasce à pedagogia como saber autônomo, sistemático rigoroso; nasce o pensamento como episteme, e não mais como éthos e como práxis apenas. A guinada será determinante para a cultura ocidental, já que reelabora num nível mais alto e complexo os problemas da educação e os enfrenta fora de qualquer localismo e determinismo cultural e ambiental, num processo de universalidade racional; e porá em circulação aquela noção de Paidéia que sustentou por milênios a reflexão educativa, reelaborando-se como Paidéia cristã, como Paidéia humanística e depois como Bildung. (CAMBI, 1999, p.87)

Dentro do conceito de Educação como Paideia é necessário entender que a Educação Filosófica é uma junção teórica e prática. Tanto a Filosofia quanto a Educação tem aproximações interessantes que se relacionam mutuamente. Desta forma, o tema filosófico seria a parte teórica e reflexiva e a Educação seria o campo. Para Lombradi (2003), a filosofia ajuda num aspecto de educação emancipadora para obter uma reflexão teórica e prática para que se sustentem os conjuntos de valores e ideias acerca do que há na sociedade. Para isso é necessário uma sustentação prática desta reflexão dentro das escolas para que isso seja uma constante.

Para compreender estas formas reflexivas educacionais, será necessária uma análise na metodologia de ensino de filosofia para crianças, adolescentes, e jovens por uma educação emancipadora. Esta forma de ensino conhecido como educação reflexiva que leva o aluno a um conceito autônomo do esclarecimento e da sua realidade, tanto aos educadores, quanto aos alunos através da liberdade reflexiva do pensar crítico que é um exercício do raciocínio, diferentemente da educação conteudista que molda os alunos a não pensar:

Para este esclarecimento, porém, nada mais se exige senão liberdade. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: não raciocineis! O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista diz: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede. Eis aqui, por toda a parte a limitação da liberdade (KANT, 2005. p. 65).

Para Kant (2002), os processos educacionais através do esclarecimento alcançado podem levar o ser à autonomia fazendo com o que o ser pense por si sem precisar de tutores. Desta forma, Kant (2002, p. 51) assevera que “o homem é a única criatura que precisa ser educada.” Assim o autor enfatiza que os processos educacionais acontecem desde a infância e vai sendo construído para a maioria trazendo com isso a liberdade e a diversidade eliminando a intolerância. Assim Pinheiro (2007, p. 15) comenta sobre a educação:

A educação tem, como tarefa própria, encaminhar o homem em direção ao fim último, que é a sua ideia de perfeição. Assim uma educação que atinja sua finalidade cumpre ao mesmo tempo, a finalidade da filosofia moral e política. O homem moral é o ideal a ser seguido no processo de educação.

No pensamento kantiano, o homem é produzido pela educação para alcançar esta maioridade e autonomia. Kant (2002) diz que “o homem não se pode tornar um verdadeiro homem senão pela educação”. Nisso, o conceito de educação kantiano tem um grau de importância que se sustenta pela moral e pela ética:

Quem não tem cultura [instrução] de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem. A falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo de que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito da disciplina. (KANT, 2002, p. 2002).

Por isso que em se tratando de contexto histórico e metodológico, a forma como *paideia* enxerga a educação pode ser ainda uma forma a ser vista atualmente. Hoje em dia há uma ideia de se excluir dos discursos sobre Filosofia ou sobre a reflexão da sociedade as crianças, os jovens e adolescentes acerca inclusive das discursões políticas atuais. A Filosofia também enfrenta uma indiferença para com a educação filosófica da criança e do adolescente porquanto isto poderia ajudar na construção ética dos alunos para com a sociedade.

Acerca de a educação filosófica ser autônoma a partir do processo de esclarecimento e do crescimento do pensamento crítico que vem desde os primeiros anos da educação básica, deve-se entender que a Filosofia serve para que os processos educacionais sirvam para que a formação do cidadão seja cada vez mais à medida que “fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando” (FREIRE, 2000, p. 11).

Assim, para Freire (2000), esta autonomia não é aquela que cada ser existente obtém na vida cotidiana, mas é aquela que é conquistada através das decisões através da liberdade. Igualmente Kant (2005), que enfatizava que o esclarecimento vem através da autonomia que vinha dos processos de decisão, de uma coragem para seguir sem tutor. Freire (2000), por sua vez, diz que esta autonomia é aquela espontânea e é um atributo especial do homem para que cresça à medida que ela é conquistada.

Por isso que Freire (1983) destaca a importância de uma luta constante para libertação que só chegará pela consciência livre dos agentes sociais que estão inseridos nos processos educacionais. Desta forma, a educação filosófica inserida dentro do aspecto freiriano, pode ser observada através da libertação que se faz pela via da teoria e da prática

educacional inserida nas comunidades porquanto haja esta libertação e assim comecem a pensar por si na “libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (FREIRE, 1983, p.32).

Desta forma, o caráter forjado pela educação ganha vida na visão de Paulo Freire. Esta forma *peideiana* ganha um caráter transformador e esclarecedor nos moldes de Freire (2003). Desde a infância e até a fase adulta, o homem precisa ser educado para ser um bom cidadão e transformar a sua realidade. O homem não nasce homem em si, mas é educado a ser homem:

O que quero dizer é que a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem, se tornou, ao longo da aventura no mundo dos seres humanos uma conotação de sua natureza, gestando-se na história, como a vocação para a humanização [...] (FREIRE, 2003, p. 20).

Para Freire (2003), a educação forma o ser pessoa, e só através das práticas educacionais que o ser em si se torna o ser para todos, ou seja, se torna um cidadão. Com isso, o ser humano é comparado a um projeto pelo qual é formado para que este projeto seja para a construção do mundo.

A liberdade de pensar vem desde a época em que a *paideia* era formada através dos mitos até a filosofia socrática. Desde sua origem na Grécia, a Filosofia foi esta voz que produz a crítica e o pensar para que a coragem de se libertar se construa de forma autônoma. A filosofia como algo aberto não pode se fechar diante do estilo educacional que se encontra. É preciso antes de tudo formar pensadores que olhem para a Filosofia como uma arma contra aquilo que impede de construir a reflexão. Para isso é necessário que a Educação Filosófica volte a ser como era na *paideia* e volte seus olhares para a infância para que se construa uma formação de cidadania concreta.

3 A PAIDEIA SIMBÓLICA COMO CONCEITO TRANSFORMADOR SOCIAL PARA DIVERSIDADE

Sempre que se discute sobre a importância e presença da Filosofia na Educação, estendeu-se como preocupação com o Ensino Médio e a Universidade, sem contemplar a fase inicial da educação. Por este fato, houve também, um desencontro entre a teoria e a prática, sendo construída muitas vezes, uma reflexão filosófica superficial nas universidades sobre o

ensino da Filosofia, preparando poucos profissionais para a discussão e valorização do ensino e de uma Pedagogia da Filosofia, apresentada como discussão filosófica.

Através desta reflexão podem ser observados que cada vez mais o pensamento crítico não está em pauta dentro das escolas em geral, ao menos na prática. Com isso, a ideia de uma Educação como *Paideia* pode ser indispensável não só para uma formação crítica, mas para formação ética dos alunos nas escolas que permeia o Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Desta forma, o conceito de *paideia* como a formação do homem grego, tem a ver com a edificação do ser humano porquanto o torna parte integrante social autônomo e estar sempre atento a sua realidade e ao mesmo tempo ser um descobridor do seu universo:

Colocar estes conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras, é uma ideia ousada e criadora que só podia amadurecer no espírito daquele povo artista e pensador. [...] Os Gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser um processo de construção consciente. (JAEGER, 2003, p. 13).

Segundo Wonsovicz (2004), a *paideia* entre os gregos tinha como intento ensinar a Filosofia e a formar cidadãos dentro da *polis* que visava criar uma cidade perfeita para a formação do homem virtuoso como já foi dito. Esta forma de pensar a educação como formação do cidadão está intrínseca dentro do pensamento grego que veio tanto com os mitos, quanto com a filosofia.

Assim, o termo *paideia* neste artigo é só uma forma simbólica para caracterizar o pensamento proposto acerca da Educação Filosófica no Ensino Básica incluso de uma reflexão filosófica e pedagógica com a seguinte pergunta: Por que, para que e como filosofar para alunos da Educação Básica em uma sociedade imediatista e consumista? Esta pergunta não é fácil de responder.

Compreendendo a *Paideia* como forma simbólica, este conceito se refere à Educação Filosófica dentro das escolas como sendo uma formadora de pensamentos reflexivos sobre a sociedade para que estes alunos se tornem não só críticos, mas bons cidadãos. Por isso que a LDB Seção IV – Do Ensino Médio Art. 35º diz:

O Ensino Médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:
§ 1º [...] III Domínio dos conhecimentos de filosofia e sociologia necessária ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1996).

Assim, no claro exercício da cidadania trazendo o contexto da LDB para o Ensino Médio, seria interessante a extensão deste exercício da cidadania para o Ensino Fundamental em todas as escolas. Segundo Lipman *et. al* (2001), os alunos devem ser incentivados a pensarem por si mesmos e refletir sobre os aspectos sociais como formação ética do cidadão com a ajuda do professor em sala de aula. A liberdade do pensar é um bem imprescindível para que o aluno possa ser autônomo respeitando as diversidades religiosas, políticas e econômicas assegurando o livre pensar.

Para Wonsovicz (2004), o silenciar do pensamento reflexivo, o preconceito no impedimento do filosofar na infância e adolescência tem sido objeto de análises e reflexões de filósofos e educadores contemporâneos. O que confirma com a ideia de que há um arrolamento essencial entre Filosofia e Educação, ou melhor, entre as Ciências da Educação e a Filosofia.

Dentro dessa perspectiva da Educação como *Paideia* na construção reflexiva para formar cidadãos dentro do Ensino Básico, o centro da questão é a importância do Ensino de Filosofia e como se deve ensinar e formar através da Filosofia para o Ensino Fundamental e Médio não só como forma de esclarecimento crítico, ou de ensinar teorias filosóficas, mas sim dos alunos “sentir-se livres para defender qualquer posição que desejam a respeito de valores, sem que o professor tenha que estar ou não de acordo com cada um dos pontos”. (LIPMAN *et. al*, 2001, p. 122). Esse ponto em questão é algo que deve ser levado em conta no dado momento em que a educação atualmente é imediatista e conteudista, e não reflexiva, trazendo consigo muitos conceitos do senso comum.

A *paideia* simbólica mostra a preocupação com a Educação na construção do pensamento crítico, reflexivo e transformadora envolvendo o espaço e tempo em que o aluno no seu universo percebe o seu contexto social e, podendo assim, mudar através da reflexão filosófica: “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transforma-la e com o seu trabalho, pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias”. (FREIRE, 1979, p. 14).

É por meio de uma educação reflexiva que se pode efetivar uma luta assídua contra tais falhas educacionais, entendendo tal ação como prática de intervenção social destinada a fazer ligações concretas da vida e auxiliar na instauração de forças construtivas e emancipatórias. Com isso, libertar os alunos do senso comum, daquilo que é banal e começar a fazê-los enxergar através do pensar o que está acontecendo ao seu redor, onde há uma luta assídua pelo poder, posto que a *paideia* como formadora do cidadão trouxesse para o contexto

atual um crescimento significativo do raciocínio e ao mesmo tempo a diminuição da intolerância e exclusão social em meio a diversidade cultural.

Formar as novas gerações por meio de um ensino reflexivo é inserir os educandos no mundo do trabalho, da cultura, da participação social através do conhecimento, pelo pensar *per se* (por si mesmo – emancipação) a partir de uma visão crítica, criativa e criteriosa, abandonando o formato ingênuo, mecânico e dogmático, até então, dominante na educação.

Diante deste pensamento acerca da *Paideia* simbólico transformadora para alunos da Educação Básica, se tem em mente que a educação é uma geradora empresarial ou comercial e não uma formadora crítica. Através deste aspecto, a Educação não mais forma seres pensantes e éticos, mas sim a busca da obtenção de um bom emprego como afirma Bauman:

Neste mundo de estilo empresarial, racional, num mundo em que se procura o lucro instantâneo, a administração das crises e a limitação dos danos, qualquer coisa que não possa provar eficácia instrumental é um tanto evasiva. [...] Para a maioria dos estudantes, a educação é acima de tudo uma porta de entrada para o emprego. Quanto mais ampla a passagem e melhores as recompensas do árduo trabalho, melhor (BAUMAN, 2009, p. 41)

Para Bauman (2009), a falta de pensamento crítico nas escolas delinea numa estrutura de pensamento que simplesmente só se preocupa com o capitalismo, com as formas progressistas positivistas e com as metas que devem ser alcançadas individualmente sem preocupar com o universo ao seu redor tornando a filosofia a chave para o pensamento do por que se deve buscar o bem comum a todos como diz Lévinas:

Nossa época não se define pelo triunfo da técnica pela técnica, como não se define através da arte pela arte, e nem se define pelo niilismo. Ela é ação por um mundo que vem, superação de sua época – superação de si que requer a epifania do Outro. (LÉVINAS, 2009, p.46).

Estas questões levantadas tem o objetivo tanto teórico quanto prático de levar a Filosofia da Educação a níveis de entender a forma como é ensinada a Filosofia nas escolas públicas e privada. Por um modelo educacional mais voltado a metas comerciais e políticas e não voltadas para o desenvolvimento pessoal, e isto é algo que acontece de forma geral:

História Antiga, música, filosofia e coisas que afirmam fortalecer o desenvolvimento pessoal, e não a vantagem comercial e política, dificilmente engrossam os números e índices de competitividade como é o caso da educação cujo único significado hoje é o de abrir portas para um bom emprego. (BAUMAN, 2009, pag. 40)

Assim, portanto, a Filosofia considerada *paideia*, forma o indivíduo para a coletividade e a diversidade humana. Para uma visão crítica e ética da realidade, pois a reflexão histórica estará ligada ao mundo do indivíduo coletivo, histórico e social para todo o grupo dentro das comunidades. Por isso, a educação é o passaporte para a preservação de nossas escolhas e as nossas responsabilidades que surgem devido a tais escolhas e para “ser um processo de construção consciente do ser humano” (JAEGER, 2003, p. 13).

Portanto, ao construir a ideia da Educação Filosófica como a *Paideia* simbólica para o Ensino Básico é uma forma de colocar a prática e a teoria como concretude social. Observar como o aluno da Educação Básica recebe o ensinamento filosófico para a construção do seu universo e do pensar por si, começa a indagar a sua própria existência e começa a notar que a Educação não é só metas, ou plataforma eleitoreira, mas sim transformadora e criadora de cidadãos do qual todos os alunos de Ensino Básico dentro de uma diversidade cultural enorme poderia fazer uma revolução educacional e social porquanto a inclusão social poderia acontecer e a Filosofia poderia alcançar a seu fim último que é o pensamento autônomo e a formação do cidadão, banido a intolerância. Com isso, a Filosofia, Educação e a *paideia* se pertencem mutuamente, porque comungam do mesmo interesse, isto é da formação do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se fala de Educação, ela passa sempre pelas vias filosóficas. A educação e a Filosofia andam juntas dentro de uma perspectiva crítica quando se fala de pensar e formar cidadãos. Assim, na *Peideia* grega que priorizava a formação do homem para participação da *polis*, como a educação atual que tem a mesma ideia de fazer com que crianças, jovens e adultos participem ativamente da vida política, se tem como necessidade refletir acerca de como fazer para produzir pensadores ao invés de produzir cidadãos sem o senso crítico. A Educação Filosófica atual, mesmo sendo componente curricular, não faz parte da trajetória do aluno desde o ensino fundamental nas escolas de rede pública. Sendo as de rede privada, que ensinam desde cedo a Filosofia, que tem a prática de ensinar Filosofia desde cedo, tendo total desnivelamento de conteúdo e prática filosófica nas escolas em geral. O Brasil é rico em diversidade tanto em termos étnicos quanto em ideologias e religiões. Sendo assim, a Educação Filosófica não pode ficar centrada em determinadas esferas conteudistas, mas sim pluralista e diversa no seu modo de pensar. Com isso, a ideia de formar o cidadão através de

uma *paideia* atual dentro do contexto diverso, faz com o que os jovens que aprendam a pensar por si se tornem autônomos e enxerguem a sua realidade aprendendo a ser tolerante quanto aos que pensam e agem diferente, compreendendo que o diferente é o outro pelo qual se deve ter o respeito e assim serem bons cidadãos. A ideia da *paideia* simbólica dentro da realidade das escolas brasileiras é tentar incluir todos a pensar e esclarecer porquanto é possível fazer um país pensante e altruísta no sentido da educação. A ideia não é formar pessoas para o mercado de trabalho, mas formar cidadãos para serem boas pessoas, inclusive no mercado de trabalho. Não se pode tirar da Educação o pensar, a crítica e a formação do cidadão, posto que a retirada deste pensar possa causar o aumento da desigualdade social e da intolerância porquanto os alunos não tiveram acesso desde cedo ao modelo de uma *paideia* voltada a diversidade cultural para o pensamento crítico e autônomo.

REFERÊNCIAS:

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Política e educação.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Sobre a pedagogia.** 3. ed. Piracicaba: Unimep, 2002.
1999.

ARANHA, M.L. de Arruda. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Editora Moderna, 2002.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRASIL. **Lei n. 11.684, de 2 de junho de 2008.** Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2008/Lei/L11684.htm#art1>. Acesso em: 28 out. 2016.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP.

CHAUÍ, M. **Filosofia: ensino médio.** Volume único: livro para análise do professor. São Paulo: Ática, 2005.

COPI, Irving M. **Introdução à Lógica.** Trad. Alvaro Cabral. 2ª edição. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT, Immanuel. **Resposta a pergunta: Que é esclarecimento? Textos Seletos**. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005.
- KRONBAUER, Luiz Gilberto. **Filosofia na educação básica, professores (as) de filosofia e sua formação**. Thaumazein, Ano V, Número 09, Santa Maria (Junho de 2012), pp. 04-17.
- LÉVINAS, Emmanuel. **O humanismo do outro homem**. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.
- LIPMAN, Mattheu; SHARP, A.M; OSCANYAN, Frederick. S. **A filosofia na Sala de aula**. Trad. Ana Luiza Fernandes Marcondes. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- LOMBRADI, J. C. **Educar para a Emancipação**. Florianópolis: Sophos, 2003.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- PINHEIRO, Celso de Moraes. **Kant e a educação em Kant: reflexões filosóficas**. Caxias do Sul: Educus, 2007.
- PLATÃO. **A República**; tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. – 1ª ed. – São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 2006.
- REALE, Miguel. **Introdução à filosofia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- SANTOS, B.S. **A construção intercultural da igualdade e da diferença**. In: SANTOS, B.S. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 279-316.
- TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo**. Trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- TIBURI, Marcia. **Filosofia Prática: Ética, vida cotidiana, vida virtual**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- WONSOVICZ, Silvio. **O Ensino de Filosofia na escola fundamental: O projeto de educação para o Pensar em Santa Catarina (1989-2003) – A proposta, a crítica, contradições e perspectivas**. 313 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Departamento de Filosofia e História da Educação, Unicamp, Campinas, 2004.